FAKE NEWS, A INFORMAÇÃO NO CENTRO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: SOB O OLHAR EDUCOMUNICATIVO

FAKE NEWS, INFORMATION AT THE CENTER OF CONTEMPORARY SOCIETY: FROM THE EDUCOMUNICATIVE LOOK

Francisco Carlos Paletta
Universidade de São Paulo, USP
São Paulo, SP, Brasil
fcpaletta@usp.br

Viviane Patricia Bento
Universidade de São Paulo, USP
São Paulo, SP, Brasil
viviane.bento@usp.br

Resumo. Com o grande volume de produção e disseminação de informações no ciberespaço, os indivíduos apresentam dificuldade em selecionar os conteúdos e acabam contribuindo para a disseminação das notícias falsas denominadas *"Fake News"*. Nesse contexto é que a alfabetização midiática do ponto de vista da Educomunicação se faz necessária para lidar com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e combater a propagação indevida de notícias falsas. Com o auxílio da pesquisa bibliográfica, o artigo adentra as bibliotecas acadêmicas em busca de literaturas norteadoras que auxiliaram no objetivo deste estudo em mostrar como as notícias falsas se proliferam nas redes e o quão nocivas podem ser, bem como mostrar como a Educomunicação pode ser um caminho para que os sujeitos sejam capazes de realizar uma leitura reflexiva sobre os meios que utilizam. Através desse percurso metodológico se compreende que esse é um fenômeno que proliferou à medida que os avanços tecnológicos se consolidaram, tornando mais urgente a construção do conhecimento midiático.

Palavras-chave: informações; mídias; fake news; educomunicação; organização da informação.

Abstract. With the large volume of production and dissemination of information in cyberspace, individuals have difficulty in selecting content and end up contributing to the dissemination of false news called: fake news. In this context, media literacy from the point of view of Educommunication is necessary to deal with Information and Communication Technologies (ICT) and to combat the undue spread of false news. The objective of this study is to show how fake news proliferate in the networks and how harmful they can be, as well as to show how Educommunication can be a way for subjects to be able to make a reflective reading about the media they use.

Keywords: information; media; fake news; educommunication; information organization.

INTRODUÇÃO

A comunicação é essencial no século XXI, principalmente, porque vivenciamos a denominada sociedade da informação, cujo advento da tecnologia corrobora para as profundas transformações no mundo. O campo informacional atua tanto sobre os espaços reais quanto virtuais, as informações não se restringem ao nosso círculo de amizade, ao nosso bairro, a nossa cidade, em sua vasta dimensão toma proporções globais com o compartilhamento massivo que gera consequências problemáticas pelo fluxo de informações não filtradas que se propagam, as denominadas *fake news*.

Devido à necessidade real de discutir o assunto circulante nas esferas sociais e midiáticas da cultura moderna debruçamo-nos sobre o fenômeno das *fake news* para refletir como este tema segue afetando os indivíduos, influenciando as tomadas de decisões e pautando os diálogos em diversos campos da sociedade.

Compreender que o conceito de *fake news* é mais abrangente do que um mero boato é fundamental, uma vez que os fatos inverossímeis espalhados por ela têm um alto poder de alcance estimulado pela conectividade em rede, bem como, sua interferência na realidade pode ter graves consequências impactando direta ou indiretamente no(s) sujeito(s) nas diversas esferas da vida.

O crescente número de movimentos contra a ciência como, por exemplo, os grupos antivacinas que conquistam espaço para divulgação de seus ideais, muitas vezes permeados por *fake news* (MADEIRO, 2020), através da *web* ou até mesmo as campanhas eleitorais que alavancam com o uso das mídias digitais e disparos em massa que incluem também as notícias falsas (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, IDEC, 2020), são demonstrações do poder real desse fenômeno na sociedade contemporânea, por essa razão se torna indispensável debruçar-se sobre o tema.

A cibercultura conceituada como as técnicas; práticas; pensamento e valores que são desenvolvidos no ciberespaço (LÉVY, 1999), se consolidou no advento da *web* 2.0, fortalecendo o estabelecimento da denominada sociedade da informação. Segundo Castells (2002), conhecimento e informação sempre foram centrais na história da sociedade, e na atualidade são impulsionados pelo desenvolvimento tecnológico.

> Além disso, a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia. (CASTELLS, 2002, p.18)

De acordo com Santaella (2003) trata-se da cultura das mídias que se firmam como "[...] processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais, com a utilização de ferramentas e processos distintos da lógica massiva. Esses processos fertilizaram gradativamente o terreno sociocultural para a cultura virtual". Para ela, o processo comunicativo na cultura midiática retira o usuário de um estado passivo para a busca da informação e entretenimento.

Contudo, devemos nos atentar que vivenciamos um mundo pautado por ideologias e interesses, portanto o mundo pode ser editado de acordo com a conveniência dos filtros. Baccega (1994) alerta para essa edição como parte de supressão e acréscimo em um acontecimento, cujo destaque pode enfatizar um fato em detrimento de outro.

Recuero (2009) vislumbra as redes sociais com grande potencial informacional devido às conexões que estabelece que são mais extensas do que as alcançadas pelas conexões de redes off-line. Para ela, essa nova forma de interligar pessoas por meio da internet permite que a informação possa ser armazenada, replicada e buscada, o que facilita e contribui na circulação das *fake news*.

Nesse contexto é que a alfabetização midiática do ponto de vista da Educomunicação se faz necessária para lidar com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e combater a propagação indevida de notícias falsas, com uma prática pedagógica educomunicativa cujo trabalho promova "à realidade concreta e às referências que fazem parte das práticas socioculturais dos sujeitos envolvidos no processo educativo visando, assim, o estabelecimento de uma comunicação dialógica entre eles" (SOUZA, 2017, p. 207) conseguimos estabelecer uma Educomunicação cooperativa com a construção do pensamento crítico.

> A Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) reconhece o papel fundamental da informação e da mídia em nosso dia a dia. Está no centro da liberdade de expressão e informação, já que empodera cidadãos a compreender as funções da mídia e outros provedores de informação, a avaliar criticamente seus conteúdos e, como usuários e produtores de informação e de conteúdos de mídia, a tomar decisões com base nas informações disponíveis (UNESCO, 2014, p.11).

Partindo do entendimento da UNESCO sobre a necessidade da AMI (Alfabetização Midiatica e Informacional), compreende-se que a escolarização contemporânea exige uma pedagogia midiática e informacional cuja educação esteja integrada aos nós da sociedade em rede que as transformam tanto no nível local e global (CASTELLS, 2009), pois dessa forma os sujeitos poderão participar ativamente dessa cultura digital e fazer seleções e conexões entre as mídias e as informações (JENKINS, 2009).

Desenvolvendo a competência informacional e midiática, entendidas como a capacidade do sujeito em perceber a intencionalidade e selecionar a fonte de informação, se apropriando e a usando para pautar suas decisões, consolida-se com a introdução de uma educação multiplataforma que estabeleça um diálogo entre diferentes contextos, seja no real e/ou virtual, bem como as novas formas de ser/estar nos diversos campos da sociedade para que as práticas pedagógicas mediadas tenham uma ênfase colaborativa (TELES; SOUZA; CONSANI; VETRITTI, 2017) .

Há muito tempo que a literatura manifesta a importância e necessidade da inclusão das tecnologias nas escolas, vide, por exemplo, autores como Bonilla (2005, 2009, 2010), Betts (1998), Haetinger (2003), Pretto (2006, 2011, 2017), Pesce (2005), Borges (2008) que relatam as possibilidades permitidas à educação a partir da introdução das TDIC, por essa razão também se deve pensar nas competências e habilidades para lidar com elas e com aquilo que delas emana: a informação constante; fluída; complexa; mediada e intencionalidade.

Seja para época atual ou futura, a educação para as mídias é indispensável. Chama-nos a atenção o compartilhamento massivo de *fake news*, esse comportamento nos encaminhou para o problema central do nosso artigo: de que forma a Educomunicação pode contribuir para enfrentar esse fenômeno?

As questões que permeiam esse artigo estão em torno de: qual o impacto que as *fake news* produzem dentro da sociedade da informação? Como educar para as mídias digitais pode auxiliar em práticas críticas e reflexivas no seu uso? O efeito compartilhamento de *fake news* é um efeito grave do processo de desinformação ou excesso de informação?

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) pautam a nossa vida na atualidade se diferenciando das TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação) justamente pela presença do digital, somada ao conjunto de equipamentos ou/e aplicações/ferramentas tecnológicos intimamente ligados à internet, afinal estamos conectados e resolvemos cada vez mais nossas demandas cotidianas com sua ajuda.

A cibermodernidade exige que o indivíduo se mantenha atualizado sobre o que acontece no tempo/espaço, seja ele real ou virtual, essa rotina definida pela *web* 3.0 molda as relações do homem/mídias e informações. Justamente frente à circulação intensa de informações e as diversas mídias que o educomunicador procura desenvolver seu trabalho para que os sujeitos sejam capazes de lidar com essa situação, conforme Viana e Mello (2013). Esse artigo, por meio de pesquisa exploratória, pretende promover a reflexão acerca do fenômeno das *fake news* sob o olhar da Educomunicação.

Partindo desses questionamentos, o nosso objetivo é mostrar como as notícias falsas se proliferam nas redes e o quão nocivas podem ser, bem como mostrar como a educomunicação pode ser um caminho para que os sujeitos sejam capazes de realizar uma leitura reflexiva sobre os meios que utilizam.

METODOLOGIA

O estudo acadêmico prima por abordar assuntos com "rigor, a perspectiva crítica, a preocupação constante com a objetividade e a clareza" (CHIBENI, 2010, p. 2), assumindo essa visão a condução desse artigo investiga e busca trazer informações relevantes para toda a sociedade. Ademais, toda pesquisa se apoia em pesquisas que contribuem e se fundamentam com autores que complementam a fundamentação teórica, sendo assim, esse artigo apoia-se em autores como Baccega (1994), Recuero (2009), entre outros.

"O intuito de recolher informações e conhecimentos prévios, acerca de um problema para o qual se procura resposta ou acerca de uma hipótese que se quer experimentar" (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p.61) guia a metodologia desse artigo cujo estudo segue o caráter exploratório, de método qualitativo, a pesquisa bibliográfica de aportes teóricos sobre os temas: competência midiática, competência informacional, Educomunicação e *Fake News*.

A busca por pesquisas anteriores sobre a temática caminha ao encontro da investigação necessária para a compreensão dos resultados obtidos pela metodologia empregada e que amparam o curso desse artigo, conforme destacado por Bell (1993, p. 83) "qualquer investigação, seja qual for a sua dimensão, implica a leitura do que outras pessoas já escreveram sobre a sua área de interesse, a recolha de informações que fundamentem ou refutem os seus argumentos e a redação das suas conclusões".

Engloba-se dentro desse estudo de caráter exploratório, de método qualitativo, a pesquisa bibliográfica de aportes teóricos sobre os temas: competência midiática, competência informacional, Educomunicação e *Fake News*. Foram averiguadas as bases de dados do banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual Paulista (UNESP); banco de resumos de dissertações e teses do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP); periódicos da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), além de revistas acadêmicas e jornais, cuja finalidade fora de permitir aprofundar no assunto a partir dos conhecimentos produzidos nos campos de interesse e áreas relevantes para a escrita desse artigo, vale ressaltar que o recorte temporal limitou-se entre os anos de 2015 a 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenvolvida a pesquisa nas bases de dados, os achados centraram-se, em sua maioria, em artigos sobre notícias falsas referentes ao meio de comunicação jornalístico e as redes sociais, aliás, os campos mais analisados nas áreas da comunicação e mídias. Contudo, encontramos a dissertação de César Conde (2018), da Universidade Estadual de Londrina, intitulada Desinformação: Qualidade da informação compartilhada em mídias sociais. A partir da observação e coleta de dados de um grupo específico de usuários de uma rede social, o autor conseguiu determinar que, diferentemente de usuários comuns, aquele grupo tinha ciência sobra os agravantes da problemática da desinformação e do compartilhamento indiscriminado nas redes, por essa razão utilizavam critérios para avaliar as fontes da informação.

Dentre os artigos relevantes destacamos os de Costa e Romanini (2019) abordam que dentro da comunicação humana a manipulação das informações e a influência das tecnologias de comunicação sobre a opinião pública estão no cerne da preocupação dos estudiosos. Para eles a complexidade das *fake news* exige também medidas complexas cuja abordagem tenha o viés transversal e multidisciplinar do educomunicador para defender a democratização da comunicação como base de uma cultura dialógica, diversificada e libertadora.

Já Ottonicar; Valentim; Jorge e Mosconi (2019) destacam a evolução das mídias e sua integração ao contexto pessoal e profissional dos sujeitos, juntamente com elas a quantidade de dados gerados torna difícil a tarefa de analisar em tempo hábil todas as informações recebidas sobre os mais variados assuntos, o que faculta o crescimento das *fake news*. Para eles, o desenvolvimento da competência informacional e midiática dentro dos currículos das instituições escolares torna-se fundamental para que os indivíduos possam diagnosticar o viés ideológico das fontes de informação de grande impacto nas redes sociais e conter os prejuízos causados pelas notícias falsas na educação e na democracia.

Por fim, Oliveira (2018) traz em sua pesquisa uma discussão a respeito do papel do bibliotecário em relação às *fake news* a luz da Ciência da Informação. Para ela, cabe ao profissional da área estender sua atuação diante desse problema por se tratar de mediadores da informação devem se qualificar para que os sujeitos desenvolvam uma visão crítica e tenham uma atuação mais proveitosa na seleção de dados.

O interessante nesses estudos que estes convergem para a formação da competência informacional e midiática desde a educação básica dos indivíduos com o auxílio de profissionais da Educomunicação e Biblioteconomia para que os sujeitos possam ser capazes de lidar com o excesso de informações das mídias e filtrar os conteúdos recebidos. Averiguar sua veracidade e os interesses atuantes naquele contexto, com essa gestão comunicacional a formação cidadã democrática se fortalece frente os constantes ataques estimulados pelas inverdades disseminadas.

A revista estadunidense Science publicou um artigo intitulado "*The spread of true and false news online*" descreve a maneira como a internet explora as informações falsas e a rápida velocidade que essas se disseminam. Segundo os condutores da pesquisa Roy e Aral Vosoughi (2018), os dados recolhidos da rede social *Twitter* nos anos de 2006 a 2017 apontaram que as *fakes news* difundiram-se em maior proporção e em menor tempo.

Dados colhidos pela empresa *GlobalWebIndex* nos anos de 2018 e 2019, situada em Londres, informam que o Brasil é o segundo no ranking mundial de usuários que gastam mais tempo nas redes sociais, perdendo apenas para as Filipinas, segundo reportagem do portal UOL [1]no primeiro trimestre de 2018 a rede social *Facebook* atingiu a marca de 127 milhões de usuários ativos mensalmente.

Pesquisa Datafolha indica que nas eleições presidenciais de 2018, o *Whatsapp* fora a rede social mais utilizada pelos eleitores, sendo que 65% deles possuíam conta nessa rede e 24% o utilizaram para compartilhar notícias sobre política. Com base nessas informações podemos observar a figura 1 que traz a porcentagem de pessoas brasileiras que acreditam nas notícias compartilhadas por essa mídia.



Figura 1. Brasileiros que creem nas notícias recebidas por aplicativo.
Fonte: DATAFOLHA (2018)

Pesquisa realizada pelo IBOPE Conecta[2] em novembro de 2018 com 2000 internautas do país relata que 90% dos brasileiros usuários de internet no Brasil já receberam informações enganosas, essas mensagens foram em sua maioria lida na rede social *Facebook* (80%) e *WhatsApp* (75%), apenas 18% no *Instagram*; 15% *YouTube* e 8% *Twitter*. No entanto, somente, 47% informa sempre checar a veracidade das notícias recebidas enquanto 42% afirma realizar isso às vezes contra 11% que nunca o fazem.

[1]Disponível em:< https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 30/07/2020.
[2] Disponível em: https://www.conectaibrasil.com.br/noticias/9-em-cada-10-internautas-receberam-fake-news. Acesso em 31/07/2020.

Com o desenvolvimento de smartphones com mais funcionalidades que suprimem muitas vezes a necessidade de outras ferramentas tecnológicas e tornam-se além de facilitadores da vida digital quase que essenciais na participação de muitas funções cotidianas diretas ou indiretas no mundo real, como demonstrado na figura 2, natural que em 2019 o país conta com 230 milhões de celulares ativos[3], isso não significa que cada habitante tenha acesso a ele.

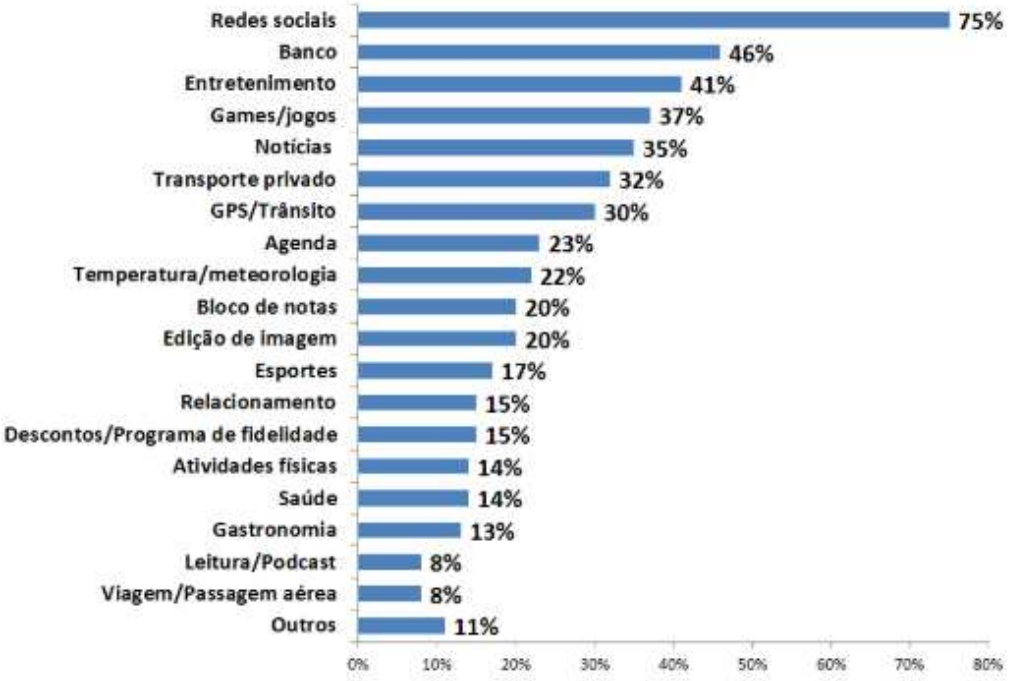

Figura 2. Aplicativos mais utilizados pelos brasileiros.
Fonte: Conectaí Express (2020)

De acordo com Emediato (2015, p.188) "muitos leitores declaram que buscam informações diretamente nas redes sociais, o que modifica substancialmente os modos de leitura e recepção da informação jornalística, bem como suas condições de produção". Nessa relação com as notícias os usuários das novas mídias aproveitam o recurso do compartilhamento, isso se tem configurado como uma participação mais efetiva dentro do processo de comunicação (LONGHI; SOUSA, 2012).

E fora um retrato falado de uma sequestradora de crianças compartilhado em uma rede social que ocasionou no espancamento e morte de Fabiane Maria de Jesus em 03 de maio de 2014, na cidade do Guarujá, litoral de São Paulo. Confundida por populares, a mulher sofreu múltiplas agressões diante de uma multidão de expectadores que viam e filmavam enquanto aguardavam a chegada da Polícia Militar.


05/05/2014 09h44 - Atualizado em 05/05/2014 10h13

Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP

Ela foi agredida após ser acusada de praticar magia negra com crianças. Moradores registraram vídeos mostrando a agressão e postaram na web.

Mariane Rossi
Do G1 Santos

Figura 3. Reportagem sobre o espancamento.
Fonte: Portal G1

[3] Disponível em:< https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/04/26/brasil-tem-230-mi-de-smartphones-em-uso.htm#:~:text=O%20Brasil%20tem%20hoje%20dois,milh%C3%B5es%20de%20aparelhos%20digitais%20ativos.>. Acesso em:31/07/2020.

A *fake news* não é um fenômeno recente e muito menos se trata de pequenos rumores de baixo impacto, tomamos como exemplo o caso da Escola de Educação Infantil Base, localizada no bairro da Aclimação na cidade de São Paulo. Esse episódio marcou os anos de 1990 quando a mãe de dois alunos acusou os proprietários, professores e sócios da escola de abusarem sexualmente das crianças. Após a denúncia, elas se dirigiram aos veículos de comunicação para pressionar na apuração dos fatos, a imprensa nacional se mobilizou na cobertura massiva do ocorrido, manchetes sugestivas eram publicadas (figura 4), o delegado a frente do caso concedeu diversas entrevistas a impressa que mesmo com poucas evidências sobre o caso apontavam com veemência a culpa dos denunciados. Somente com afastamento e substituição do delegado titular que as investigações avançaram e constatou-se não existir provas contra os investigados.

A legitimidade dos veículos de comunicação ajuda no reforço do posicionamento do discurso causando impacto sobre o público "a imagem produzida pelo discurso deve estar em conformidade com aquela que decorre da posição do locutor, e é a posição prévia da qual ele tira a sua legitimidade, e não a força do raciocínio, que confere à linguagem o seu poder." (AMOSSY, 2007, p.127).

Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, TV Globo, TV Bandeirantes, SBT, Editora Abril, Folha da Manhã foram processados pelos donos da escola, contudo esses jamais puderam recuperar dos danos causados por essa cobertura jornalística baseada em uma notícia falsa.



Figura 4. Capa do caso Escola Base.
Fonte: Jornal Notícias Populares

Esses elementos tornam evidentes os impactos causados pela notícia falsa, mas elas atuam não apenas nas questões da vida pública ou crimes, mas também nos fatos políticos a recordar a ditadura militar e sua censura e manipulação das mídias, como na foto do suposto suicídio do jornalista Vladimir Herzog nas dependências do DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna), em outubro de 1975.

A retaliação a difusão das *fake news* engajou especialistas e grupos ativistas que se organizaram em agências de *fact-checking* (em tradução livre seria verificação de fatos) como, por exemplo, a Boatos.org; Lupa; UOL Confere, entre outros.

> Não é preciso nenhuma teoria do discurso para saber se o discurso é verdadeiro ou falso. Se alguém disser que, na véspera, não atendeu ao telefone, às nove horas, porque estava dormindo e, na

> verdade, estava num bar, disse uma mentira, pois o discurso não condiz com a realidade. É a definição tomista de verdade: *adaequtio intellectus et rei* (Aquino, 1996:59), adequação do discurso à realidade. Para operar com esse conceito não é necessária nenhuma teoria do discurso. Entretanto, é preciso de uma teoria linguística para compreender como se criam os efeitos de credibilidade no discurso. (FIORIN, 2012, p. 69)

Segundo Fiorin (2012) é necessário compreender a linguagem uma vez que o discurso falso se apropria dela para se propagar como verdadeiro. O desafio consiste, portanto, na tarefa do educomunicador em preparar os sujeitos imersos na cibercultura a construir a formação essencial para desvendar os discursos promovidos por meio do desenvolvimento das competências midiática e informacional para acessar e selecionar as informações úteis e verdadeiras.

> [...] Consideram que os cidadãos devem ter conhecimento sobre localização e consumo da informação, bem como sobre a produção dessa informação; que as minorias devem ter acesso igual à informação e ao conhecimento; e que a Alfabetização em Media e Informação é ferramenta para o diálogo intercultural e para a promoção do entendimento mútuo e cultural entre as pessoas. (CUEVAS-CERVERO; MARQUES; PAIXÃO, 2014, p. 44)

Para Baccega e Citelli (1989, p. 29):

> a linguagem não é usada apenas para transmitir informações, mas, e, sobretudo, para firmar interesses, estabelecer níveis de dominação, fazendo do mundo dos signos uma arena onde são travadas as mesmas batalhas encontradas no mundo dos homens [...] ou seja, mostrar que o comportamento analítico dos recursos retóricos deve ser, prioritariamente, concebido à luz do entrechoque concreto da linguagem com o mundo, da linguagem com seus usos.

A socialização das tecnologias exige uma nova preparação dos sujeitos, pois a utilização dos espaços e ferramentas se modificam, por essa razão o movimento de adaptação das instituições escolares necessita vislumbrar os indivíduos como produtores e não apenas consumidores de conteúdo, ainda mais que as atuações no campo virtual atuam cada vez mais nas decisões da vida real. Ter o domínio das mídias e ampliar as possibilidades de interação com elas é de suma importância para esse cidadão.

Coutinho e Lisbôa (2011) apontam como desafios à estabelecida sociedade da informação encontram-se: a democratização ao acesso as variadas fontes onde circulam a informação; desenvolver as habilidades e competências para transformar a informação em conhecimento, bem como cultivar valores como solidariedade, diversidade, colaboração e criatividade. Partindo disso, as autoras defendem uma lógica de redes que se conectam para buscar, alterar e reconfiguras a informação e assim:

> [...] esse esforço conjunto contribua significativamente para que a sociedade da informação caminhe para uma sociedade do conhecimento, permitindo que esta adopte também uma cultura aprendente, na qual seremos capazes de analisar criticamente a informação, identificando-a como fidedigna (ou não) para, a partir daí, estabelecer uma relação como os conhecimentos prévios, possibilitando a ocorrência de uma aprendizagem significativa, pautada em fundamentos epistemológicos (COUTINHO; LISBÔA, 2011, p.14).

Conforme Freitas e Ferrari Junior (2016) "as Mídias e TIC's, tradicionalmente em nossas escolas, são utilizadas e entendidas apenas como apoios "pedagógicos" e não como elementos importantes e conectados com as diferentes áreas do conhecimento". Essa é uma dificuldade que necessita ser ultrapassada com o auxílio das ações educomunicativas, de acordo com os autores, precisamos intentar ao currículo escolar cuja a alfabetização midiática minimizaria as lacunas na relação com as Tecnologias da Informação e da Comunicação.

Nesse contexto, os autores defendem que:

> [...] é imperioso que iniciemos uma alfabetização/entendimento para as Mídias, partindo do entendimento que ela é de grande importância e influência na construção das sociabilidades no nosso dia-dia, entendendo que a comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela e não para, ou seja, ter a perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto. (FREITAS; FERRARI JUNIOR, 2016, p.67)

Para Viana e Mello (2013) nessa relação com as TIC caberá ao educomunicador auxiliar na vivencia da cultura digital a partir do uso das tecnologias midiáticas em situações e contextos diversos permitindo a realização da gestão da comunicação de maneira segura, eficaz e construtiva.

Por essa razão, eles ressaltam que o uso instrumental dos aparatos deve ser afastado para que suscite o crescimento do papel de sujeitos ativos e não meros receptores, partindo da premissa de que aprender a comunicar e colaborar na sociedade da informação é o mais adequado.

Ademais, Viana e Mello (2013, p.8) defendem uma Educomunicação que se caracteriza como:

> [...] um paradigma teórico-metodológico que entende as relações interpessoais como o foco principal e diferenciado das intervenções socioeducativas, e é a favor da ampliação da capacidade de atuação dos participantes do processo no ciberespaço, com ênfase no comprometimento com a ética, o respeito ao próximo e o espírito de comunidade. Nesse tipo de ecossistema comunicativo, a possibilidade de se expressar é parte fundamental a ser considerada, sobretudo, por ser mediado pelas tecnologias digitais, conectadas em rede, e se favorável ao diálogo entre os participantes.

A Educomunicação[4] busca a formação da consciência sobre os mecanismos de transmissão e produção de comunicação, bem como a compreensão da interação entre os receptores e os conteúdos produzidos, por essa razão não basta apenas realizar uma leitura crítica da linguagem midiática, mas também entender o seu uso; seu objetivo; sua intencionalidade. "As interações mais evidentes entre Comunicação e Educação são propostas a partir das intencionalidades educativas, no esforço de aperfeiçoar os processos comunicativos necessários à obtenção da aprendizagem" (Braga e Calazans, 2001).

A dinâmica educomunicativa é pautada no diálogo, bem como na intervenção social; uso reflexivo das mídias e a comunicação social, valorizando o processo ativo de construção do conhecimento.

O alinhamento da Educomunicação presume um trabalho coletivo que abrange do macro ao micro dentro do universo da comunicação e educação por meio de uma transdisciplinaridade que compreende que os conteúdos midiáticos permeiam e transformam tanto os indivíduos quanto suas relações, sendo assim, o foco encontra-se nas interações possibilitadas pelo veiculo e suas mediações.

Dessa forma, entende-se que para uma cidadania plena se faz necessário intentar que uma atividade comunicativa encerra em si uma atividade educativa e dessa relação oriunda uma didática mediadora educomunicativa que reorganiza o processo de ensino e de aprendizagem a partir da potencialidade da mídia, uma vez que:

> Pode-se amar o futebol e ter consciência da realidade social. Quando falta essa consciência o responsável não é o futebol, mas certamente a situação política, social e educacional do país. Ver telenovelas não impede de ter consciência política e de contestar as injustiças sociais (MORIN, 2003, p. 10).

A inserção dos meios de comunicação nos currículos escolares demanda investimentos e ultrapassar uma série de barreiras que promovem outro tipo de exclusão: a digital. A democratização dos meios de comunicação é parte do direito que permeia esse novo processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços tecnológicos facilitaram a vida como um todo, o fluxo informacional decorrente dele transformou a relação do sujeito com as mídias. Com o grande volume de produção e disseminação de informações no ciberespaço, os indivíduos apresentam dificuldade em selecionar os conteúdos e acabam contribuindo para a disseminação das notícias falsas. As consequências desastrosas dessa difusão de fatos fictícios denotam a urgência em debater e agir sobre essa questão.

Uma vez que a *web* 3.0 permitiu que as redes sociais ganhassem espaço no nosso cotidiano, instalou-se a cultura do compartilhamento antes da capacitação dos indivíduos para lidar com os conteúdos a que estavam expostos. Sem uma educação midiática e informacional o filtro necessário para a seleção de informações fica em déficit e contribui com a dificuldade para ler e decifrar aquilo que se produz e consome nos meios de comunicação, por essa razão é preciso repensar a formação do sujeito nas instituições escolares. Afinal, no espaço escolar que se consegue alicerçar as transformações importantes para o bem-estar e desenvolvimento da sociedade.

---

[4] Para o exercício de seu escopo, o conceito da Educomunicação pressupõe, contudo, a autonomia epistemológica de sua ação, uma vez que busca sua sustentação não exatamente nos parâmetros da Educação (em suas filosofias ou didáticas) ou, mesmo, da Comunicação (em suas teorias e práticas), mas na interface entre ambas (o mundo que se revela no encontro dos dois campos tradicionais) (SOARES, 2014).

Essencialmente, a educação para as mídias é fundamental para intermediar essa relação do homem e os meios, como forma de aprender sobre si, o mundo que o cerca e galgar maiores possibilidades na celebrada sociedade da informação e consolidar a democratização tão fragilizada pela manipulação das informações. Do contrário, se prosseguirá na contagem de vítimas na vida real de fatos construídos no campo virtual em consequência de uma sociedade prejudicada pelas *fake news*.

Encerra-se com a certeza de que os estudos sobre essa temática precisam prosseguir, já que não se esgotam por aqui as possibilidades de uma atuação mais ampla da Educomunicação na formação midiática do sujeito.

AGRADECIMENTOS

Projeto Pesquisa FAPESP Processo 19/01128-7.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth; ZAVAGLIA, Adriana. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. Filologia e linguística portuguesa, n. 9, p. 121-146, 2007.

BACCEGA, M.A., CITELLI, A.O. Retórica da manipulação, os sem-terra nos jornais. In: Comunicações e Artes, v.14, n.20, abr., 1989.

BELL, J. Como realizar um projecto de investigação. Ed. 3º, 1993. Lisboa: Gradiva.

BETTS, Davi Nelson. Novos paradigmas para a educação. Revista do Cogeime, v.13, 1998.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Escola aprendente: para além da sociedade da informação. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Inclusão digital nas escolas. Educação, direitos humanos e inclusão social: histórias, memórias e políticas educacionais. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, v. 1, p. 183-200, 2009.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Políticas públicas para inclusão digital nas escolas. Motrivivência, n. 34, p. 40-60, 2010.

BORGES, Márcia de Freitas Vieira. Inserção da Informática no Ambiente Escolar: inclusão digital e laboratórios de informática numa rede municipal de ensino. In: Anais do Workshop de Informática na Escola. 2008.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. Comunicação e educação: questões delicadas na interface. São Paulo. Hacker Editores, 2001.

BUCKINGHAM, D. Children talking television: the making of television literacy. London: Falmer, 1994.

CASTELLS, Manuel; MAJER, Roneide Venâncio; GERHARDT, Klauss Brandini. A sociedade em rede. Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIBENI, Silvio Seno. O texto acadêmico. Via Moderna, 2010. Disponível <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/textoacademico.pdf> Acesso em 29/07/2020.

CONDE, César Augusto Galvão Fernandes. Desinformação: qualidade da informação compartilhada em mídias sociais. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

COSTA, Maria Cristina Castilho; ROMANINI, Vinícius. A educomunicação na batalha contra as fakes news. Comunicação & Educação, v. 24, n. 2, p. 66-77, 2019.

COUTINHO, Clara Pereira; LISBÔA, Eliana Santana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. 2011.

CUEVAS-CERVERO, Aurora; MARQUES, Márcia; PAIXÃO, Pablo Boaventura Sales. A alfabetização que necessitamos: informação e comunicação para a cidadania. Informação & Sociedade: Estudos, v. 24, n. 2, 2014.

EMEDIATO, Wander. Discurso e web: as múltiplas faces do *Facebook*. Revista da ABRALIN, v. 14, n. 2, 2015.

FIORIN, José Luiz. Enunciação e comunicação. Comunicação e análise do discurso. São Paulo: Contexto, p. 46-78, 2012.

FRANCESCO, Nayara Nascimento; LEONE, Simone Delago. 1. Educação Midiática contra" fake news". Revista Científica UMC, v. 5, n. 1, 2020.

FREITAS, Janaína Peixoto de; FERRARI JÚNIOR, José Carlos. Importância da sistematização dos conceitos educomunicação, TIC's e mídia na organização curricular. *In*: Educomunicação e alfabetização midiática [recurso eletrônico]: conceitos, práticas e interlocuções / Organização Ismar de Oliveira Soares, Claudemir Viana, Jurema Brasil Xavier. – São Paulo, SP : ABPEducon, 2016.

HAETINGER, Max. Informática na educação – um olhar criativo. São Paulo: Papirus, 2003.

IDEC. *Fake News* nas eleições 2020: saiba como identificar e denunciar desinformação. Disponível em:< https://idec.org.br/dicas-e-direitos/fake-news-nas-eleicoes-2020-saiba-como-identificar-e-denunciar-desinformacao>. Acesso em: 12/02/2021.

JENKINS, H. Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. Trad. COSTA, Carlos Irineu da. Cibercultura. 1ª. ed. São Paulo, v. 34, 1999.

LONGHI, Raquel Ritter; DE SOUSA, Maíra de Cássia Evangelista. A dinâmica da notícia na internet: organizações jornalísticas e atores da rede/ Newa dynamics in the internet: News organizations and actor-network. Contemporânea-Revista de Comunicação e Cultura, v. 10, n. 3, p. 511-529, 2012.

MADEIRO, CARLOS. Movimento antivacina avança na web: por que ele é ameaça à saúde pública. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/10/29/movimento-antivacina-avanca-online-por-que-ele-e-ameaca-a-saude-publica.htm>. Acesso em 10/02/2021.

MORIN, Edgar. "A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação)" In: Revista FAMECOS, nº 20. Porto Alegre, 2003.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. *Fake News*, mentira organizada e educação: uma reflexão a partir do pensamento de Hannah Arendt. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 1, p. 243-263, 2020.

OLIVEIRA, Filipe. Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil. Folha de São Paulo, São Paulo, 18 de jul. de 2018. Disponível em:< https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 30/07/2020.

OLIVEIRA, Sara Mendonça Poubel de. Disseminação da informação na era das fake news. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 8, n. 2, 2018.

OTTONICAR, Selma Leticia Capinzaiki *et al. Fake news*, big data e o risco à democracia: novos desafios à competência em informação e midiática. 2019.

PESCE, Lucila. Formação de educadores na contemporaneidade: a contribuição dos ambientes digitais de aprendizagem. Anais da 28ª ANPEd. Caxambu, 2005.

PESCE, Lucila; BRUNO, Adriana R. Educação e inclusão digital: consistências e fragilidades no empoderamento dos grupos sociais. Dossiê - In/exclusão digital e Educação. Educação (PUC RS). v. 38, n. 03, set.-dez. 2015. p. 349-357. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/faced/article/view/21779 . Acesso em: 08/09/2020.

PRETTO, Nelson et al. Políticas públicas educacionais no mundo contemporâneo. Liinc em Revista, v. 2, n. 1, 2006.

PRETTO, Nelson de Luca. O desafio de educar na era digital. Revista portuguesa de educação, v. 24, n. 1, p. 95-118, 2011.

PRETTO, Nelson De Luca. Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões. Edufba, 2017.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. Metamorfoses jornalísticas, v. 2, p. 1-269, 2009.

SANTAELLA, Lucia. Cultura das mídias. São Paulo: Editora Paulus, 2007.

SILVA, Helena; JAMBEIRO, Othon; LIMA, Jussara; BRANDÃO, Marco Antonio. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. Ci. Inf., Brasília, v. 34, n. 21, p. 28-36, jan.-abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000100004&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 09/09/2020.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. A noção de exclusão digital diante das exigências de uma cibercidadania. In: HETKOWSKI, Tânia Maria (Org.). Políticas públicas & inclusão digital. Salvador: EDUFBA, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e educação midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2014.

SOUZA, Kamila Regina de. Os desenhos animados e a Prática Pedagógica Educomunicativa na Educação Infantil: uma aventura dialógica no estágio curricular. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

TELES, Paulo Cesar da Silva; DE SOUZA, Karla Isabel; CONSANI, Marciel A.; VETRITTI, Fabiana Grieco Cabral de Mello. Educação e mídias digitais contemporâneas: tendências on-line, literacias e competências multiplataforma. Revista GEMInIS, São Carlos, UFSCar, v. 8, n. 3, pp.77-97, set. / out. 2017.

VIANA, Claudemir Edson; DE MELLO, Luci Ferraz. Cultura digital e a educomunicação como novo paradigma educacional. Revista FGV Online, v. 3, n. 2, p. 31-49, 2013.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. *The spread of true and false news online. Science*, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.

WILSON, C., Grizzle, A., Tuazon, R., Akyempong, K., & Cheung, C. K.. Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores. Brasília, DF: Unesco: UFTM, 2013.

WOLF, Giovanna. Brasil tem 230 milhões de smartphones em uso. UOL, 2019. Disponível em:<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/04/26/brasil-tem-230-mi-de-smartphones-em-uso.htm#:~:text=O%20Brasil%20tem%20hoje%20dois,milh%C3%B5es%20de%20aparelhos%20digitais%20ativos . >. Acesso em: 31/07/2020.

9 em cada 10 internautas receberam *Fake News*. Conectaí Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.conectaibrasil.com.br/noticias/9-em-cada-10-internautas-receberam-fake-news. >Acesso em 31/07/2020.